

**A CASA E O ENGENHO: UM ESTUDO COMPARATIVO ACERCA DAS
INFÂNCIAS EM *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO, E *POR
PARTE DE PAI*, DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS¹**

João Artur Rodrigues Fernandes²
Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Yngrid Cecília Teixeira Maia³
Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo tecer uma análise comparativa entre as narrativas *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos de Queirós, dando um enfoque para como são representadas as infâncias em cada narrativa, a partir da construção de seus meninos protagonistas. Para tanto, recorreu-se aos pensamentos de Bachelard (1988), que discorre acerca de questões como a solidão e o devaneio durante a infância, bem como Lajolo (1997), que discute a construção da figura infante na literatura. Através desse exercício comparativo, foi possível perceber como cada uma das obras apresenta uma infância distinta e que se afasta de uma representação socialmente cristalizada dessa fase. No entanto, em ambas as narrativas, observa-se a presença constante da solidão e, conseqüentemente, do devaneio, por parte das personagens protagonistas, os quais são propulsores para a criação de mundos vários. **Palavras-chave:** Menino de Engenho; Por parte de pai; Infância; Solidão; Devaneio.

**THE HOUSE AND THE MILL: A COMPARATIVE STUDY ABOUT THE
CHILDHOODS IN *MENINO DE ENGENHO*, BY JOSÉ LINS DO REGO, AND
POR PARTE DE PAI, BY BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**

ABSTRACT

This work aims to weave a comparative analysis between the narratives *Menino de Engenho*, by José Lins do Rego, and *Por parte de pai*, by Bartolomeu Campos de Queirós, giving an approach to how childhoods are represented in each narrative, from the construction of their protagonist boys. Therefore, we used the thoughts of Bachelard (1988), who discusses issues such as loneliness and daydreaming during childhood, as well as Lajolo (1997), who discusses the construction of the infant figure in literature. Through this comparative exercise, it was possible to perceive how each of the works presents a distinct childhood and that moves away from a socially crystallized representation of this phase. However, in both narratives, there is the constant presence of loneliness and, consequently, daydreaming, by the protagonist characters, which are propellers for the creation of various worlds.

Keywords: Menino de Engenho; Por parte de pai; Childhood; Loneliness; Daydream.

¹ Este artigo foi produzido para o componente curricular Literatura Infanto-juvenil.

² Endereço eletrônico: arturfernandes986@gmail.com.

³ Endereço eletrônico: yngrid.maia.702@ufrn.edu.br

Considerações iniciais

Neste trabalho, analisamos e comparamos os romances *Menino de engenho* (2001), de José Lins do Rego, e *Por parte de pai* (1995), de Bartolomeu Campos de Queirós, sob a luz dos pensamentos de Charles Bachelard (1988) acerca da solidão e do devaneio na infância. Nessa perspectiva, atentamo-nos às personagens infantis dos dois romances, observando, especialmente, como se dão as construções dos protagonistas de cada obra, atentando-se para as suas relações com o exterior, os espaços e as demais personagens. Nesse sentido, é possível verificar como aquilo que é proposto por Bachelard é verificado nas narrativas, o que interfere nas percepções dos infantes acerca do mundo que os circunda.

Acompanhando os dois meninos, é possível perceber o protagonismo infantil, embora resgatado por narradores adultos, que revela a criança enquanto um indivíduo e, como tal, sendo um portador de emoções e sentimentos resultantes de suas interações com o(s) outro(s) e com o mundo. Ainda, tendo em vista a criança como um sujeito social, investigado, observado e compreendido a partir de perspectivas investigativas e teóricas distintas (Souza, 2007, p. 7), as narrativas em análise não ignoram as subjetividades dos meninos protagonistas, uma vez que, indo na contramão disso, apresentam a criança e a infância não como mero pano de fundo de representações sociais, mas como entidades determinantes para as relações estabelecidas ao longo dessa fase da vida (Souza, 2007).

Nesta análise comparativa, portanto, buscamos devolver todos os privilégios da imaginação por meio do que é percebido nos dois romances. Nesse ínterim, sabendo que a memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações, toda a nossa infância pode e está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, dessa forma, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária (Bachelard, 1988, p. 94). E é justamente isso que fazem os protagonistas de cada uma das obras analisadas.

Os enredos

No romance *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, somos apresentados à história de Carlinhos, que, nos narra, já adulto, as suas vivências de infância. O menino, que vivia com os pais no Recife, vai morar na casa do avô materno após um trágico incidente em que seu pai, possesso de fúria, assassina sua mãe. Como penalização, o pai

de Carlinhos é mandado para um sanatório, e o menino é levado, três dias depois do fatídico crime, para viver com o avô José Paulino, um poderoso senhor de engenho por quem o neto, embora não mantivesse contato, demonstrava forte admiração.

É na casa do avô, melhor dizendo, nos engenhos da fazenda Santa Rosa, que Carlinhos se depara com um novo mundo. Frente às descobertas, a tristeza que o menino sente em decorrência das perdas do pai e da mãe vai, aos poucos, dando espaço a doses de curiosidade, as quais o conduzem ao desbravamento de seu novo universo. No engenho, Carlos encontra um mundo totalmente divergente daquele em que vivia, o que o leva a explorar os espaços e a enfrentar os desafios que lhe surgem. A representação da infância de Carlinhos, dessa maneira, inverte radicalmente a figura idílica do infante, deixando de lado a visão ingênua e idealizada, e pondo o leitor, por outro lado, diante de imagens duras e amargas (Lajolo, 1997, p. 233).

Atrelados aos sentimentos de pertencimento e liberdade que lhe vão chegando a cada nova descoberta, Carlinhos apresenta uma constante melancolia, pois pensa continuamente na mãe e na forma horrível como a perdera, além de questionar a ausência e a falta de informações do pai, “e a lembrança de minha mãe enchia os meus retiros de cinza. Por que morrera ela? E de meu pai, por que não me davam notícias? Quando perguntava por ele, afirmavam que estava doente no hospital” (Rego, 2001, p. 80-81). Visto com olhares de piedade pelo ocorrido com os seus pais, o menino enxerga a solidão como um espaço propício para devanear sobre a vida. Além disso, por ser uma criança fraca e doente, Carlinhos é recluso por certos períodos de tempo para tratar a sua saúde. O menino, por isso, via nas outras crianças do engenho uma liberdade que não possuía, o que lhe despertava inveja e lhe permitia devanear mais ainda, levando-o a construir cenários em que as suas vontades se concretizam, visto que, na fase da infância, o devaneio propicia a liberdade (Bachelard, 1988, p. 95). Todavia, o protagonista vai conquistando aos poucos essa tão sonhada liberdade – transmutada em libertinagem –, que, digamos, se efetiva por completo quando o menino perde a virgindade e explora as vertentes de sua sexualidade. É assim que Carlos se torna senhor de sua nova vida.

Entre paixões, medos, perdas, descobertas e angústias, o menino vai desvendando um mundo rural que se mostra deveras plural em relação à vida na cidade. Em paralelo, Carlos descobre a si mesmo, crescendo por dentro e por fora, aflorando corpo e mente a cada nova experiência vivenciada.

A narrativa se encerra quando Carlinhos é mandado para a escola, uma decisão tomada por seu avô, mas que, sem dúvidas, era o maior desejo de sua falecida mãe. Nesse momento, o menino já não é mais uma criança, mas, como pensa, um sujeito, que, apesar de ter doze anos, possui uma alma mais velha que isso. Esse Carlinhos era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do colégio. Um menino perdido, menino de engenho (Rego, 2001, p. 136).

De maneira análoga, a obra *Por parte de pai*, do escritor e poeta Bartolomeu Campos de Queirós, contém, em suas páginas, um emocionante enredo cuja principal característica é o protagonismo dado às memórias da infância. Tais memórias, por sua vez, são apresentadas ao interlocutor através dos relatos de um narrador que rememora, de forma nostálgica, os acontecimentos de sua infância, com alguns tons de devaneios e melancolia.

Esse narrador, embalado pela saudade da infância, relata alguns acontecimentos – marcantes e triviais – do cotidiano na casa de seus avós, que o criaram. Assim, essa história caminha, principalmente, em torno desse arranjo familiar que foge à regra, haja vista que a mãe do protagonista faleceu e o seu pai constituiu outra família, da qual o menino não faz parte. Sendo assim, o seu sustento, a sua educação e a formação de seus valores se dá a partir dos ensinamentos desses avós e do que eles podem lhe proporcionar. Nessa perspectiva, a infância retratada em *Por parte de pai* também difere-se – como em *Menino de Engenho* – da idealizada visão de infância que Marisa Lajolo denomina “edênica” (Lajolo, 1997, 233), tendo em vista que a criança em destaque suscita, de forma muito perspicaz, a reflexão acerca de diversos pontos cristalizados no imaginário social quando se trata da plenitude da infância, tais como a concepção de família, o abandono paterno, a relação entre as crianças e os idosos e, sobretudo, a ideia de que as crianças não são sujeitos sociais e históricos tanto quanto os adultos. A criança em questão reflete, opina e percebe o mundo ao seu redor de forma crítica, o que é perceptível em seus questionamentos acerca da paternidade, dos sentimentos de seu avô ou, simplesmente, sobre o tratamento diferenciado que é dado às crianças, como no trecho “[...] o café era moído em moinho preso no portal da cozinha. O café do bule era grosso e forte, o da cafeteira, fraco e doce. *Um para os adultos e outro para as crianças*” (Queirós, 1995, p. 41, grifos nossos). Nesse enfoque, nota-se que a história assume a função de transportar o leitor às memórias de sua “infância recalçada” (Bachelard, 1988, p. 102), uma vez que

o narrador sequer tem nome e posiciona-se na narrativa de forma a se confundir com seu interlocutor, fazendo com que esse leitor não seja meramente um apreciador passivo das memórias poéticas da história, mas também retorne ao seu devaneio de infância (Bachelard, 1988).

Caminhando para o final, a narrativa se adensa em seu tom melancólico dada à doença da avó e à fragilidade emocional do avô. O garoto, imerso em suas *dores de menino*, vê-se obrigado a sair da casa que foi seu lar literal e afetivamente, tendo que ir com seu pai, que representa, para ele, apenas uma ausência personificada. Nesse viés, portanto, é possível inferir da história, mais uma vez, os pensamentos de Bachelard (1988), quando refletimos a solidão da criança e o apagamento desses indivíduos enquanto sujeitos, mas também a não idealização da infância pensada por Lajolo (1997), haja vista que o garoto não se apresenta como um indivíduo socialmente inerte, mas tem sua identidade representada em suas memórias e em suas dores que são exploradas dentro da narrativa, mesmo no momento em que se despede:

Olhei a rua da Paciência, inclinada e estreita. Nascia lá em cima, entre casas miúdas e se espichava preguiçosa, morro abaixo. *Não perguntei* ao meu pai qual o destino. Quando passamos em Rio do Peixe ele me ofereceu um pastel, no armazém. Segurei de leve aquela massa quente e corada. Mordi. *Estava cheio de nada*. Dentro havia um pedacinho de queijo colado num lado da casca. Também eu não tinha fome (Queirós, 1995, p. 73 , grifos nossos).

As personagens

Quanto ao protagonista de *Menino de Engenho*, observa-se, de um lado, uma primeira versão de Carlinhos, com quatro anos de idade, quando vivencia a tragédia envolvendo a sua mãe, Dona Clarice, e o seu pai. Nesse primeiro momento, Carlinhos é um menino doce e ingênuo, que, por conta da idade, não processava a fundo o evento que ocorrera tendo como protagonistas os seus pais. Mas, antes disso, mantinha-se atento às suas brincadeiras com os amigos:

Lá estavam outros meninos do meu tamanho e eu brinquei com eles a tarde toda. As criadas é que conversavam muito sobre o meu pai e a minha mãe, contando umas às outras coisas a que eu não prestava atenção, pois no que eu cuidava era nos meus brinquedos com os amigos (Rego, 2001, p. 18).

Tem-se, aqui, a primeira infância do protagonista. Esse primeiro Carlinhos ainda demonstra, como visto, uma inocência pueril que o impede de compreender, de pronto, o que aconteceu com os pais, ainda que tenha vivenciado toda a movimentação em sua casa no dia do crime. Dessa forma, na primeira infância do menino, observam-se as suas primeiras revelações existenciais (Villaça, 2001, p. 15).

Após mudar-se para o engenho do avô em decorrência da morte da mãe e da internação do pai, as mudanças de Carlinhos, que acompanham o seu crescimento, vão sendo logo percebidas, “já estava no engenho há mais de quatro anos. Mudara muito desde que viera de Recife” (Rego, 2001, p. 80). Inclusive, consequente de tais mudanças, também é percebida pelo protagonista a perda de sua pureza de menino, como no episódio em que planeja uma vingança contra a tia Sinhazinha:

Fui dormir imaginando tudo o que era vingança contra o diabo da velha. Queria vê-la despedaçada entre dois cavalos como a madrasta da história de Trancoso. E cortada aos pedaços na serra do engenho. *Aquela injustiça brutal despertava em meu coração puro de menino os impulsos mais cruéis de desforra* (Rego, 2001, p. 37, grifos nossos).

Assim que chega à casa do avô, Carlinhos, por ser asmático, é amparado pelos cuidados afetuosos e maternos de sua tia Maria, irmã mais nova de sua mãe. O menino permanece sob os cuidados da amável tia até esta se casar e partir para morar com o marido, deixando o menino para ser cuidado pela tia Sinhazinha, cunhada de seu avô José Paulino. Essa nova perda, pode-se dizer, se configura para Carlinhos como uma segunda orfandade, a perda de sua segunda mãe (Villaça, 2001, p. 15). A liberdade então, que já lhe era escassa quando o menino era amadrinhado pela tia Maria, torna-se ainda mais restrita quando ele passa a ser tutelado pela tia Sinhazinha. Além disso, o fato de Carlos ter problemas de saúde o leva a momentos de internação, fazendo-o enxergar esses instantes como sugadores de sua vitalidade, de sua meninice:

Essas noites de puxado envelheciam a minha meninice, mas obrigavam os meus olhos cansados da escuridão a esperarem extasiados as madrugadas. Quando o sol se abria, chegavam as réstias no meu quarto. Havia mesmo uma em cima de minha cama, bem redonda, junto dos meus travesseiros. Botava as mãos para lhe sentir a quentura, e via as nuvens passando por ela às carreiras ou devagar. Devagarinho lá iam deixando o meu leito de doente (Rego, 2001, p. 96).

As horas de internação, como visto, levam Carlinhos a momentos de solidão, que, nem sempre se configuram como períodos infelizes para o menino, posto que, por vezes, ainda que havendo a possibilidade de companhia, fosse de sua preferência se resguardar a uma solidão voluntária:

Gostava de saltar com os meus primos e fazer tudo o que eles faziam. Metia-me com os moleques por toda parte. Mas, no fundo, era um menino triste. Às vezes dava para pensar comigo mesmo, e *solitário andava por debaixo das árvores da horta, ouvindo sozinho a cantoria dos pássaros*. O meu esporte favorito concorria para estes *isolamentos de melancólico* (Rego, 2001, p. 80, grifos nossos).

Esses *isolamentos de melancólico* são bastante comuns ao menino, por um lado, em decorrência do seu frágil seu estado de saúde, mas, por outro, porque era justamente nesses momentos que Carlinhos voltava-se para o seu âmago e refletia sobre as vidas, a que já tivera e a que estava vivendo no engenho, “*eram também as meditações solitárias e as conversas mudas com o meu íntimo que voltavam*. Já não ia mais aos banhos de rio, brigavam quando me viam no sol, não podia ficar de noite na conversa pela senzala (Rego, 2001, p. 113, grifos nossos). Assim, para o menino, os intervalos solitários são propícios para encontrar alívio para as angústias, pois, como afirma Bachelard (1988):

Na solidão a criança pode acalmar seus sofrimentos. Ali ela se sente filha do cosmos, quando o mundo humano lhe deixa a paz. E é assim que nas suas solidões, desde que se torna dona dos seus devaneios, a criança conhece a ventura de sonhar, que será mais tarde a ventura dos poetas (Bachelard, 1988, p. 94).

A solidão, desse modo, além de proporcionar uma calma para a criança, leva o menino ao mundo dos sonhos, do devaneio, dando-lhe a oportunidade de criar uma infinidade de imagens e cenários, visto que, quando sonha em sua solidão, a criança conhece uma existência sem limites. Portanto, seu devaneio não é um mero devaneio de fuga, mas, longe disso, é um devaneio de alçar vôo (Bachelard, 1988, p. 94).

Tais momentos, ainda, levam Carlos, ao observar as demais personagens infantis, a exemplo de seus primos, a invejar a liberdade e a saúde com as quais estes desfrutam o mundo do engenho:

Tinham chegado para passar um tempo no engenho uns meus primos, mais velhos do que eu: dois meninos e uma menina. Agora não era só com os moleques que me acharia. Meus dois primos, bem afoitos, sabiam nadar, montar a cavalo no osso, comiam tudo e nada lhes fazia mal (Rego, 2001, p. 27).

Os primos, vindos da cidade, assim como Carlinhos, eram mais experientes, pois *sabiam nadar e montar a cavalo no osso*, e, além disso, mais resistentes, haja vista que *comiam tudo e nada lhes fazia mal*.

Ainda tratando sobre tais personagens, Carlinhos, quando demonstra sinais de melhora de saúde, passa a ter a companhia de seus primos nas explorações da fazenda. É com eles que o protagonista desbrava os mistérios do mundo e do amor. Os dois primos mais velhos e, como visto, mais experientes nas traquinagens auxiliam o menino nas aventuras do novo mundo encontrado nos campos do engenho, “com eles eu fui aos banhos proibidos, os do meio-dia, com a água do poço escaldando. E então nós ficávamos com a cabeça ao sol, enxugando os cabelos, para que ninguém percebesse as nossas violações (Rego, 2001, p. 27).

Já com a prima, Maria Clara, Carlinhos se defronta com os mistérios do amor, tendo em vista que se apaixona por ela, tendo logo o seu coração arrebatado, “para mim, a visita viera me aperrear o coração de menino” (Rego, 2001, p. 107). A paixão de Carlinhos pela prima torna-se mais avassaladora do que a primeira de suas paixões, “o meu coração de oito anos agora se arrebatava com mais violência” (Rego, 2001, p. 106).

Maria Clara contava para Carlinhos histórias de sua vida, e este fantasiava a sua própria realidade a fim de parecer mais interessante para a prima, “exagerava-me para parecer impressionante à minha prima viajada” (Rego, 2001, p. 108). A relação entre os dois enamorados se efetiva, e Carlinhos chega a beijar a prima, “eu peguei Maria Clara e beijei-a forte na boca. Corri como um doido para casa, com o coração batendo” (Rego, 2001, p. 109). À noite, a solidão dá ao menino a possibilidade do devaneio, de estender, como já fazia, “[...] a história até os limites do irreal” (Bachelard, 1988, p. 117), o que leva Carlinhos a sonhar com Maria Clara:

A noite toda foi um sonho só com Maria Clara. Ia com ela no navio não sei por onde. E o mar batia com raiva no meu barco. Chovia que a água começava a encher o casco. Só se via mar e céu. Eu tinha medo de afundar. Maria Clara dizia que não havia perigo. E nós chegávamos nos cajueiros e ficávamos nas folhas secas, dormindo (Rego, 2001, p. 109).

Apesar de todo o encanto em torno dessa paixão, Carlinhos vive uma desilusão amorosa ao perceber que Maria Clara volta para o Recife sem sentir o menor remorso por deixá-lo sozinho no engenho, enquanto o menino fica afundado em uma enorme tristeza, “Maria Clara nem parecia que me queria bem, toda satisfeita, sentada no carro. Pensava que ela estivesse triste como eu” (Rego, 2001, p. 110). Buscando contornar a melancolia por mais uma perda, Carlinhos, à noite, sonha novamente com a prima, mas, agora, imaginando-a ao seu lado, como se ela nunca tivesse partido:

Dormi à noite, com Maria Clara junto de mim. Os sonhos de um menino apaixonado são sempre os mesmos. Acordei-me, porém, com a primeira angústia de minha vida. Os pássaros cantavam tão alegres no gameleiro, porque talvez não soubessem da minha dor (Rego, 2001, p. 111).

A dolorosa verdade lhe aparece quando, ao acordar, vê que tudo se tratou de mais um sonho e que, de fato, Maria Clara se fora, fazendo de Carlinhos novamente um solitário, “tinha perdido a minha companheira dos cajueiros” (Rego, 2001, p. 111). Carlinhos, embora ainda sofresse com a falta de sua maior paixão, começa a sentir em si os impulsos do corpo. Aqui, não mais os sentimentos amorosos comandam o menino, mas, por outro lado, as necessidades carnis, os instintos sexuais de uma pré-juventude, uma vez que entra em estágio de puberdade:

Lembrava-me de Maria Clara com uma saudade cheia de desejos que nunca tivera. Misturava as minhas alegrias de antigamente a umas vontades perversas de posse. Os meus impulsos tinham mais anos que a minha idade. Ficava horas seguidas olhando, no curral, as vacas que mandavam de outros engenhos para reproduzirem com os zebus do meu avô, e as bestas vadias rinchando com os pais-d'égua pelo cercado. *O sexo crescia em mim mais depressa do que as pernas e os braços.*

Os impulsos lascivos guiam o menino a uma sede irrefreável por sexo. Por isso, Carlinhos passa a enxergar o mundo por meio de uma lente sexualizadora, visto que tudo, até mesmo o ciclo reprodutivo dos animais da fazenda, o conduzia a um desejo compulsivo de efetivar o ato sexual.

Carlinhos é introduzido à “vida adulta” aos doze anos, quando se relaciona sexualmente pela primeira com uma escravizada do engenho do avô, a Zefa Cajá, e, não obstante a relação sexual ocorrer com uma mulher adulta, o menino contrai uma doença

sexualmente transmissível, o gálico, uma forma de se referir ao sífilis. Surpreendentemente, a contração da doença é, aos olhos do menino, um motivo de orgulho:

A doença-do-mundo me operara uma transformação. Via-me mais alguma coisa que um menino; e mesmo já me olhavam diferente. Já não tinham para mim as condescendências que se reservam às crianças. As negras faziam-me de homem. Não paravam as conversas quando eu chegava. Enxeriam-se. (Rego, 2001, p. 131-132).

Ao contrair a “doença-do-mundo”, o protagonista sofre uma transformação. Deixa, portanto, de ser tratado como um ser à parte, como uma criança. Isso vai em direção à ideia de não se considerar a criança como um sujeito, o que implicaria entender que são seres que, como os adultos, pensam, tem “[...] desejos, ideias, opiniões, capacidades de decidir, de inventar, que se manifestam, desde cedo, nos seus movimentos, nas suas expressões, no seu olhar, nas suas vocalizações, na sua fala” (Faria; Salles, 2007, p. 44). Assim, quando as pessoas ao redor passam a enxergar Carlinhos como um adulto, sabendo o que o menino fizera, e respeitá-lo como tal, ele passa a ver a doença como o motivo para essa virada de chave e, justamente por isso, enxerga-a com bons olhos.

Quanto à figura do avô de Carlos, o coronel José Paulino é para o neto uma figura quase que divina, de uma grandiosidade inalcançável. Tal admiração do menino, no entanto, não é à toa, posto que o seu avô é senhor de muitas propriedades e, em razão disso, é visto por todos com muito respeito.

O próprio Carlinhos, de início, se impressiona com a vastidão das terras do avô:

A estação ficava perto de um açude coberto de uma camada espessa de verdura. Os matos estavam todos verdes e o caminho cheio de lama, e havia poças de água. Pela estrada estreita, por onde nós íamos, de vez em quando atravessava um boi. *Meu tio dizia-me que tudo aquilo era do meu avô* (Rego, 2001, p. 22, grifos nossos).

Assim que chega ao engenho Santa Rosa, Carlinhos encontra o avô sentado numa cadeira, perto de um banco, e logo é levado até o velho para receber a bênção. O menino, assim, constata que aquele é o seu avô (Rego, 2001, p. 22). Tal é a influência de José Paulino, que este chega a manter um bom relacionamento com um temido cangaceiro, Antônio Silvino, “com meu avô o bandido não tinha rixa alguma” (Rego, 2001, p. 33).

No entanto, entre Carlinhos e o avô, não há uma relação de proximidade afetiva, porém distante e fria. Como dito, Carlos põe o seu avô numa espécie de pedestal. Isso, somado à dureza típica de um coronel nordestino, faz do avô uma figura, ainda que presente, afastada. De todo modo, Carlinhos vê no coronel alguém bom e prestigiado.

O romance de José Lins do Rego, desse modo, apresenta um panorama de quase toda a infância do protagonista, tendo em vista que tem-se um retrato da vida de Carlinhos quando este tem por volta dos quatro anos, “eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu” (Rego, 2001, p. 17), e que se estende até os seus doze anos, “tinha uns 12 anos quando conheci uma mulher, como homem” (Rego, 2001, p. 129). Percebe-se, portanto, que a obra acompanha a sua meninice, pois, “entre os quatro e os 12 anos, decorre a evocação da infância” (Villaça, 2001, p. 15).

Nesse aspecto, *Por parte de pai* é semelhante a *Menino de Engenho*, no que diz respeito ao protagonismo dado à relação entre avôs e netos. No entanto, em *Por parte de pai*, a relação diferencia-se pura e simplesmente por um aspecto crucial – a presença. Enquanto em *Menino de Engenho* essa relação é marcada por ausências, *Por parte de pai* estabelece, na narrativa, uma bonita troca entre as duas personagens mais marcantes do livro – o avô Joaquim e o garoto.

O avô Joaquim pouco se difere da figura tradicional de avô posta midiaticamente – pouco expressivo, rude e endurecido pelas dificuldades da vida. Todavia, o fato de ser presente manifesta no garoto uma profunda admiração, haja vista que a sua existência preenche diversas lacunas emocionais do narrador. Nessa perspectiva, a personagem do avô desempenha um papel essencial para a formação da memória e dos *devaneios de infância* do garoto, uma vez que esse narrador aprende, a partir do exemplo do avô, a importância de fazer registros e de preservar a memória.

Assim, partindo dessa breve análise sobre a influência do avô na personagem principal, podemos inferir que o garoto tem como característica mais marcante o fato de ser um amante nato da memória e dos registros, pois, mesmo ainda criança, o menino demonstra um enorme apreço pela leitura, pela escrita e pela imaginação, aspectos inseparáveis da memória e que caracterizam sua identidade, consoante à definição de memória dada pelo historiador Jacques Le Goff (1996), que afirma que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja

busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 1996, p. 469).

Nesse enfoque, a partir do entendimento da memória como parte da identidade do garoto, podemos compreender que alguns elementos tão presentes em seu relato fazem parte da sua identidade enquanto indivíduo, a exemplo da melancolia. A personagem, ao longo de toda a narrativa, descreve momentos de medo, de angústia e de solidão, que são ignorados pelos adultos, o que pode ser conferido nos pensamentos de Bachelard, haja vista que “a solidão da criança é mais secreta que a solidão do adulto” (Bachelard, 1988, p.102). Nesse sentido, o menino, melancólico, reflete:

O sofrimento me machucava por inteiro. Eu escolhia, escondia, pedia perdão e continuava afogado em dúvidas. As três caravelas – Santa Maria, Pina e Nina – eu não via, mas até desenhava. *Doía muito ser menino*. E dor, aumentada pelo silêncio, é como dente latejando com nervo exposto (Queirós, 1995. p. 22, grifos nossos).

Nessa óptica, podemos inferir que esse menino sofre em silêncio, pois à criança é negado o direito de sentir. Por isso, esse narrador só percebe as suas dores de menino quando é adulto e narra essa história, de modo a levar o interlocutor a refletir sobre essas questões frente às suas próprias *dores de menino* quando imerso nessa infância infinita, que o visita nas entrelinhas da obra.

Portanto, a personagem do garoto representa, sobretudo, a criança real, em contrapartida à cristalização da ideia de infância criticada por Lajolo (1997) e, com isso, manifesta um protagonismo necessário à intensidade dos sentimentos desses indivíduos que existem como sujeitos sociais e históricos, embora sua existência, seus anseios e seus questionamentos sejam amplamente silenciados pelo processo de idealização da criança como um indivíduo apático em relação ao mundo que o cerca.

Os narradores

Como mencionado, *Menino de engenho* é narrado pelo próprio protagonista que, por meio de um exercício memorialístico, recupera as suas vivências de infância já adulto.

Ao fazer tal regressão, uma atividade própria do devaneio, já que “o ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem, da infância à velhice” (Bachelard, 1988, p. 96), é como se o Carlos adulto demonstrasse uma certa nostalgia,

que, com um caráter deveras saudosista, parece se deleitar com as memórias de sua infância ou, pelo menos, com aquelas que cataloga como as boas memórias, como na seguinte passagem: “parece que ainda os vejo, com seus bauzinhos de flandres, voltando a pé para casa, a olharem para mim, de bolsa a tiracolo, na garupa do cavalo branco que me levava e trazia da escola” (Rego, 2001, p. 48). O referido trecho é narrado por Carlos como se, ao contá-lo, estivesse revivendo-o, sobretudo quando se leva em conta que o narrador sentia-se “[...] bem com todo esse regime de miséria” (Rego, 2001, p. 47).

Ainda, é possível perceber que o narrador tece comparações entre o seu eu menino e o seu eu adulto, como no excerto “a minha tia Maria cuidava de ensinar a mim e aos moleques *as rezas que ainda hoje sei*” (Rego, 2001, p. 53, grifos nossos). Nesse trecho, o narrador demonstra que as rezas ensinadas por sua tia Maria se mantêm sabidas até o presente momento em que faz a narração. Pode-se imaginar que, talvez, como uma consequência de sua maturidade ou, mais provavelmente, pelo fato de tais rezas terem sido ensinadas por sua amada tia Maria. Lembrar dessas rezas seria, portanto, uma forma de lembrar de sua tia.

Assumindo a visão de Bachelard (1988, p. 100), ao devanear, uma vez que lembramos, o passado é designado como valor de imagem. A imaginação, nesse sentido, matiza desde a origem os quadros que gostará de rever. Desse modo, para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores. Rememora-se, assim, com mais fervor aquilo que lhe apetece, a exemplo desta passagem “daquele banho ainda hoje guardo uma lembrança à flor da pele” (Rego, 2001, p. 24).

Semelhantemente, *Por parte de pai* é uma história narrada por um narrador personagem que a protagoniza. Esse narrador, adulto, relembra sua infância num envolvente jogo de emoções que levam o leitor a assumir, muitas vezes, seu lugar, tendo em vista que as memórias dessa personagem sem nome podem se confundir com as memórias e os *devaneios de infância* (Bachelard, 1988) de seu interlocutor. Nessa perspectiva, é possível perceber que há um propósito no fato de esse narrador apresentar-se saudosista, nostálgico, reflexivo e sem nome – ele manifesta o exercício memorialístico no leitor de modo a fazê-lo alcançar as solidões e os anseios da sua infância, haja vista que, nesse período, imerso no devaneio de ser criança, o sujeito, muitas vezes, não os percebe plenamente, o que o leva a refleti-los na fase adulta, conforme defende Bachelard (1988):

A solidão da criança é mais secreta que a solidão do adulto. Muitas vezes, é no entardecer da vida que descobrimos, em sua profundidade, as nossas solidões de criança, as solidões de nossa adolescência. *E no último quartel da vida que compreendemos as solidões do primeiro quartel*, quando a solidão da idade proecta repercute sobre as solidões esquecidas da infância. Só, muito só está a criança sonhadora. Vive no mundo do seu devaneio. *Sua solidão é menos social, menos insurgida contra a sociedade, do que a solidão do adulto.* (Bachelard, 1988, p.102, grifos nossos).

Diante disso, Queirós constrói uma narrativa poética da infância real e cotidiana, na qual a criança existe como sujeito de seu tempo e de sua própria vida, como um protagonista de fato, conforme pode-se notar no seguinte excerto:

Às vezes me vinha *uma vontade* de sumir no mundo. Arrumar um emprego na farmácia do senhor Miguel Sabino, cheia de cheiros e ervas. *Entre pensar e fazer, existe uma viagem grande e eu sempre me perdia pelo caminho.* Nunca cheguei nem até o fim do quintal de meu avô (Queirós, 1995, p.45, grifos nossos).

Em vista disso, o narrador aqui analisado demonstra, na fase adulta, conseguir compreender e traduzir poeticamente os sentimentos de solidão, como em *vontade de sumir no mundo*, e o medo inerente da criança que teme a vida, como em *entre pensar e fazer, existe uma viagem grande e eu sempre me perdia*. Logo, entre o narrador e o interlocutor, estabelece-se uma relação de identificação, a partir dessa ideia de *infância cósmica/infinita* que floresce mais fortemente na fase adulta (Bachelard, 1988).

Os espaços

Quanto à camada espacial de *Menino de engenho*, já de início, nos deparamos com a intimidade do protagonista, uma vez que, em um primeiro momento da narrativa, temos acesso à sua casa no Recife e, mais intimamente ainda, ao seu quarto, “dormia no meu quarto, quando pela manhã acordei com um enorme barulho na casa toda” (Rego, 2001, p. 17).

Como dito, após perder os pais, Carlinhos é levado para o engenho de seu avô. O menino não era familiarizado com esse espaço, visto que as divergências entre o seu pai e o seu avô nunca permitiram à sua mãe fazer uma temporada no engenho (Rego, 2001, p. 25). Por isso, a Carlinhos cabia apenas idealizar esse mundo desconhecido, fazendo-o

“[...] imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso” (Rego, 2001, p. 22). Dado que Carlinhos “[...] tinha sido criado num primeiro andar” (Rego, 2001, p. 25), todo o seu conhecimento do campo advinha dos passeios de bonde a Dois Irmãos. Por isso, já nos primeiros contatos, o engenho encanta o menino, tendo em vista que o apresenta a inúmeras possibilidades de entretenimento, que, por sua vez, não faziam parte de sua vida enquanto morador da cidade. O engenho, portanto, aparece como um agente transformador, um divisor de águas entre o menino da cidade e o menino do engenho, pois, como afirma Maria Clara, “o engenho é melhor que o Recife. [...] Morando aqui a gente vira bicho. [...] Aqui é bom porque não tem aula, não tem professora” (Rego, 2001, p. 109). Não à toa, o engenho, em suas coisas mais ínfimas, surge aos olhos do menino como um lugar recheado de encantos, aventuras e mudanças, “daí a impressão extraordinária que me iam causando os mais insignificantes aspectos de tudo o que estava vendo” (Rego, 2001, p. 25). Tal percepção pode ser entendida como uma consequência da transposição dos espaços, indo do urbano para o rural, o que, sem dúvidas, implica em sua percepção acerca do(s) mundo(s) que vai conhecendo e explorando ao longo da narrativa.

Além das intrigas com as quais o menino se depara no engenho, a exemplo da chegada de um cangaceiro na fazenda de seu avô (Rego, 2001, p. 32) e as contações das histórias de Trancoso da velha Totonha (Rego, 2001, p. 56), esse ambiente, quase intrínseco à natureza, posto que “[...] aparecem os passarinhos, aparece o carneiro, tudo tão cheio de vida, os incêndios, a cozinha, a mesa” (Villaça, 2001, p. 15), possibilita que Carlinhos experiencie situações até então distantes de seu conhecimento. Nesse ínterim, o menino se habitua a espaços naturais do engenho do avô, como “o rio, os cajueiros, o cercado” (Rego, 2001, p. 107), e, neles, consegue descobrir um novo mundo ao mesmo tempo em que se autodescobre, passando a se entender como sujeito.

O contato com esses espaços, além disso, proporciona a Carlinhos sentimentos vários, haja vista que ora são palco para momentos de solidão melancólica, “às vezes dava para pensar comigo mesmo, e solitário andava por debaixo das árvores da horta, ouvindo sozinho a cantoria dos pássaros. O meu esporte favorito concorria para estes isolamentos de melancólico (Rego, 2001, p. 80), ora servem de cenário para as experiências do primeiro amor, “procurávamos a sombra dos cajueiros para os nossos colóquios. Havia folhas secas pelo chão, como um grande tapete cinzento, que rangiam nos pés. E o cheiro

gostoso da flor do caju chegava até longe. — Vamos fazer piquenique nos cajueiros” (Rego, 2001, p. 108). No primeiro caso, todavia, o exercício voluntário da solidão não deve ser confundido com uma atitude de birra ou zanga da criança. Por outro lado, essa solidão é própria da infância e propulsora do devaneio, uma vez que “a criança conhece um devaneio natural de solidão” (Bachelard, 1988, p. 102). É justamente “em suas solidões felizes, [que] a criança sonhadora conhece o devaneio cósmico, aquele que [a] une ao mundo” (Bachelard, 1988, p. 102).

As ambientações, dessa maneira, contribuem significativamente para o desenvolvimento de Carlinhos, pois é em sua relação com o mundo do engenho que o menino se conecta consigo mesmo ou, melhor dizendo com as palavras de Antônio Carlos Villaça (2001, p. 15), ao descobrir o engenho, “o menino se encontra com o seu mundo”.

Na narrativa *Por parte de pai*, por sua vez, o espaço assume um protagonismo peculiar pois a casa dos avós, na qual a personagem principal relata a maior parte das lembranças de sua infância, apresenta-se, de certa forma, também como uma personagem. Isso se dá porque todas as relações de afeto, de medo, de angústia, de solidão e até de amor são atravessadas pela casa, que funciona como o centro de seus sentimentos mais profundos. Isto é, tudo que o garoto sente é permeado por este espaço que o integra como sujeito.

Assim, conseguimos perceber que as memórias do narrador não constituem-se apenas da sua relação com os sentimentos, com os avós, com o pai ou, meramente, com o passar do tempo, mas, sobretudo, essas memórias relacionam-se com o espaço. Desse modo, a casa é tida como uma extensão dessa personagem, com a qual desenvolve uma relação de intimidade diversas vezes ao longo da narrativa, como quando afirma, por exemplo, “a casa do meu avô foi o meu primeiro livro” (Queirós, 1995, p. 12).

Então, temos que, poeticamente, a casa é um livro. Logo, todas as histórias nascem dela, figurativa e literalmente, haja vista que avô realmente utilizava as paredes da casa como um diário de acontecimentos:

Todo acontecimento da cidade, *da casa*, da casa do vizinho, meu avô escrevia nas paredes. Quem casou, morreu, fugiu, caiu, matou, traiu, comprou, juntou, chegou, pariu. Coisas simples como agulha perdida no buraco do assoalho, ele escrevia. [...] *As paredes eram o caderno do meu avô*. Cada quarto, cada sala, *cada cômodo, uma página*. Ele subia em cadeira, trepava em escada, ajoelhava na mesa. Para cada notícia escolhia um canto. Conversa mais indecente, ele escrevia bem

no alto. Era preciso ser grande para ler, ou aproveitar quando não tinha ninguém em casa. Caso de visitas, ele anotava o dia, a hora, o assunto ou a falta de assunto. Nada ficava no esquecimento, em vaga lembranças: “A Alice nos visitou às 14 horas do dia 3 de outubro de 1949 e trouxe recomendações da irmã Júlia e do filho Zé Maria, lá de Brumado” (Queirós, 1995, p. 10-11, grifos nossos).

Percebe-se, portanto, que esse espaço está para a personagem como a fonte geradora de sua imaginação e de sua criatividade, note-se: “enquanto ele escrevia, *eu inventava histórias* sobre cada pedaço da parede” (Queirós, 1995, p. 12, grifos nossos). Assim, configura-se uma alegorização desse imóvel, o qual pode ser interpretado como um livro propriamente dito, palco das histórias de sua vida e das suas relações mais intensas. Nesse sentido, por ser a fonte geradora da criação da narrativa, a casa recebe as mais detalhadas descrições, transportando o interlocutor aos espaços mais íntimos de sua extensão.

Cada característica possui um significado poeticamente descrito pelo narrador, como se cada parte da casa-livro gerasse uma lembrança, um *devaneio de infância* (Bachelard, 1988). Dessa forma, o narrador constrói a história a partir das histórias vividas na casa, contadas pelas paredes da casa ou mesmo ouvidas na casa. Portanto, a casa, enquanto espaço narrado, constitui o centro de todo o enredo e funciona como parte integrante das personagens, isto é, como um organismo vivo, um indivíduo, que ultrapassa a definição de espaço por si só, mas alcança um patamar significativo de sujeito-personagem, o qual é capaz de interferir não só nos rumos da vida desse garoto, mas também nos da narrativa:

História não faltava. *Eu mesmo só parei de urinar na cama quando meu avô ameaçou escrever na parede.* O medo me curou. Leitura era coisa séria e escrever, mais ainda. Escrever era não apagar nunca mais. *O pior é que, depois de ler, ninguém mais esquece,* se for coisa de interesse. Se não tem interesse, a gente perde ou joga fora (Queirós, 1995, p. 14, grifos nossos).

Temos, dessa forma, que o espaço representa um aspecto importantíssimo na narrativa, pois configura a materialização dos sentimentos das personagens, sobretudo, do garoto, uma vez que ele preocupa-se com o fato de que seus medos, seus pecados, seus amores e suas dores possam nela ser eternizados, dado que “escrever é não apagar nunca

mais” (Queirós, 1995, p. 14). Portanto, essa casa-livro detém o poder de manter as memórias vivas para sempre.

Considerações finais

Em ambas as obras, *Menino de engenho* e *Por parte de pai*, é notório o protagonismo infantil, tendo em vista que os narradores de cada narrativa resgatam as suas memórias da infância. Nesse exercício de recuperação, observa-se como os espaços e a influência externa de outra(s) personagem(ns) interferem fortemente na maneira como os meninos veem e ponderam o mundo em que existem. Desse modo, é concedida aos infantes, por meio de suas narrativas, um papel social, haja vista que, ao abordarem as percepções das crianças, os romances representam infâncias. Tais infâncias, como visto ao longo deste trabalho, não são idênticas, padronizadas e, menos ainda, idealizadas. Por outro lado, as infâncias, nas obras analisadas, externam os pensamentos de dois meninos “reais”, no sentido de não serem idealizados, que, defrontados com os desafios da infância, uma fase tão frenética e tão cheia de descobertas e mudanças, encontram refúgio em espaços vários. Esses espaços, de forma concreta, podem se configurar como uma casa-livro, portadora de memórias-rabiscos, ou, ainda, como os bosques de cajueiros de uma fazenda. Para além do material, os meninos podem, ainda, se abrigar em suas imaginações, terras férteis em que podem viajar aos lugares mais ermos ao mesmo tempo em que permanecem imóveis.

Nesse viés, além de ver e ponderar o mundo, é concedido, por meio da infância, o poder de devanear, de criar universos, mundos infinitos. É justamente por isso que os protagonistas inventam e, em paralelo, se reinventam. Ao devanear, cada um na casa de seu avô, seja ela num grande engenho no interior do nordeste ou numa casinha no interior de Minas Gerais, os protagonistas alçam voo (Bachelard, 1988) a rumos inimagináveis. Nessa atividade, os narradores viajam nas asas do sonho, retornando às suas personas infantis, e convidam-nos a realizar semelhante exercício em busca da criança que fomos ou, melhor dizendo, que somos.

Referências

BACHELARD, Gaston. Os devaneios voltados para a infância. *In*: BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 93-138.

FARIA, Vitória; SALLES, Fátima. **Currículo na Educação Infantil**: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica. São Paulo: Editora Scipione, 2007.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. *In*: FREITAS, Marcos César (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Por parte de pai**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

SOUZA, Gisele. **A criança em perspectiva**: o olhar do mundo sobre o tempo infância. São Paulo: Cortez, 2007.

VILLAÇA, Antônio. Carlos. Menino de engenho. *In*: REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 80. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. p. 12-16.